

**UM OLHAR SOBRE INTIMIDADE(S) E INTERESSE(S) NAS RELAÇÕES DE
TRABALHO: Possibilidades na Sociologia Econômica**

FÁBIO AURELIO DE MARIO

CENTRO UNIVERSITÁRIO DINÂMICA DAS CATARATAS (UDC)

MARIA LUISA MENDES TEIXEIRA

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE (MACKENZIE)

UM OLHAR SOBRE INTIMIDADE(S) E INTERESSE(S) NAS RELAÇÕES DE TRABALHO: Possibilidades na Sociologia Econômica

1. INTRODUÇÃO

Relações de Trabalho (RT) são um processo contínuo de interações das quais promovem mudanças nos padrões inter-relacionais entre os sujeitos nas organizações e fora dela (Gibson, 2018). Diferentes estudos procuraram compreender as RT como um processo econômico, formalista e regido por uma relação contratual burocrática (Ashforth et al., 2000; Gittell & Douglass, 2012). Contudo, os estudos organizacionais já apontaram que as RT não existem no vácuo, elas são impactadas pelas demais esferas sociais externas às RT, como amizades, por exemplo (Bandelj, 2012; Bandelj et al., 2015; Gibson, 2018; Laurenceau et al., 2004).

O olhar para uma relação social para além da perspectiva economicista já é contemplado na Sociologia Econômica (SE) (Swedberg, 2005a; 2005b; 2005c; 2009; Zelizer, 2012). A SE, pressupõe que as relações sociais são compostas por sujeitos com objetivos também sociais, além da racionalidade econômica. Neste ensaio, consideramos as RT como relações sociais complexas. Relações desta natureza, são aquelas imbricadas (*Embeddedness*) num processo social, do qual apenas a economia clássica não explica seus limites (Granovetter, 1985; Swedberg, 2005a; 2005b; 2005c; 2009; Zelizer, 2012). Diferentes perspectivas desta compreensão resultaram em importantes trabalhos neste campo relacional, como: economia de mercados (Aspers & Beckert, 2011; Beckert, 2009), intimidade (Zelizer, 2000, 2012), e interesses (Swedberg, 2003, 2005c, 2005a, 2005b) – além dessas, outras perspectivas no campo da SE foram estudadas, tais como: morais e mercados, mercados ilegais (Aspers & Beckert, 2011; Beckert, 2009; Fourcade & Healy, 2007; Tomasello & Vaish, 2013), neste ensaio focamos as RT como relações sociais complexas, com destaque para o estudo do papel das intimidades e interesses.

Embora a pesquisa organizacional já tenha dado ênfase às RT sob perspectivas relacionais, além do campo econômico, questões como intimidade e interesses têm sido pouco exploradas (Bandelj, 2012; Gibson, 2018). A intimidade refere-se à relação entre um conhecimento particularizado de um sujeito compartilhado com outro sujeito (Zelizer, 2000), enquanto o interesse refere-se à maior força na vida social, onde todas as formas de existência em relações sociais resultam de interesses (Swedberg, 2005a). Uma vez que estudos tenham dado menos ênfase a essas perspectivas, acreditamos que este ensaio possa contribuir com reflexões no campo Organizacional.

Nos estudos de RT, a **intimidade** aparece como um processo iniciado quando um sujeito (emissor) comunica uma informação relevante própria e a revela a outro sujeito (receptor), sob o qual passa a ser responsável por essa informação (Laurenceau et al., 2004). As RT são dinâmicas e diferentes entre si. Reconhecer a intimidade como um elemento imbricado nas RT é uma questão que merece reflexões (Gibson, 2018). Nos estudos destacados por Bandelj (2012), Bandelj et al. (2015), Gibson (2018) e Zelizer (2000), há uma discussão comum que RT (ou de mercados – ver Zelizer (2000) se desenvolvem de forma natural com o aumento de intimidade no ambiente de trabalho e fora dele. São exemplos de trabalhos recentes que estudaram as RT de domésticas influenciadas pela intimidade (Chanamoto, 2022; Marchetti, 2022), também nas práticas de Recursos Humanos (Mossholder & Richardson, 2011). Nestes casos, a Intimidade aparece como um elemento negociável nas RT (Zelizer, 2000). Os trabalhos de Zelizer (2000) deram início a noção de Negociação de Intimidade, expressão esta que destaca

a vida social, como vidas conectadas por laços. Neste constructo, Zelizer, coloca em evidência que a relação entre economia e intimidade existe entre uma relação e outra, uma vez que Zelizer reconhece que as pessoas transitam sempre na intersecção de intimidade e economia, encontrando o que desejam (Bandelj et al., 2015). A noção de intimidade negociada, ademais, é um elemento pelo qual dois sujeitos negociam (auto orientados ou de forma velada) suas intimidades nas esferas sociais e econômicas, como relações com parceiros sexuais ou profissionais do sexo, embora no senso comum (*mainstream* econômico clássico) a intimidade não deve influenciar a economia, podendo “contaminá-la”, ocasionando maiores problemas a relação. Um exemplo natural desta intersecção em vidas conectadas, se dá nas relações com parceiros sexuais que não são destruídas por esta intersecção, mas sempre negociada. Deste exemplo, nos é válido argumentar que as RT, em vários momentos não se limitam ao território organizacional, mas também é tratada em outros ambientes, como um convite do gestor ao empregado para um evento externo, entre outros (Liu, 2023). Todavia, parece claro que embora a intimidade negociada seja um elemento proveniente de vidas conectadas entre sujeitos, esta profundidade da intimidade em uma relação entre sujeitos será calcada em interesses.

Os **interesses** são palavras pejorativas no senso comum (Child, 2021; Swedberg, 2005a). Se dizer interessado ou dizer que outro sujeito tem interesse, por vezes conecta esta noção sob interesses financeiros, sejam eles em casamentos, relações amorosas, relações de amizades ou mesmo em RT. Nos estudos organizacionais, os interesses aparecem como evidentes quando se convertem em estratégias ao utilizarem-se de relações íntimas para alcançar algum objetivo (Gibson, 2018). Estas estratégias se utilizam da intimidade e há uma intenção do emissor em revelar conhecimentos próprios e para quem os revela, da mesma forma, que há uma intenção do receptor de tratar com responsabilidade estas informações e da forma pelo qual este sujeito interpretará as razões pelo qual o emissor teve em compartilhar a intimidade (Gibson, 2018; Laurenceau et al., 2004). Reconhecendo estes elementos explicativos das relações sociais, Swedberg, (2005a) analisa os interesses sob várias perspectivas, e os considera como um fator inerente às relações sociais. Ao fazer um resgate histórico sobre interesses nas relações sociais, o autor elucida três momentos de análise: (I) interesses são dados como guia que direciona a vida social; (II) interesses são umas das maiores forças da vida social; (III) interesses têm pouca ou nenhuma importância. Swedberg, (2005a) também concorda que interesses podem ser tão usuais no campo social, quanto no campo econômicos, destacando interesses como: sexuais, afetivos, conectivos, amizades etc., enquanto que no universo econômico, os interesses se resumem em materiais e financeiros. Ademais, os interesses sendo dotados de outros elementos e objetivos nas trocas nas relações sociais e reconhecendo a intimidade como um elemento negociável (estratégico) nas relações sociais e de trabalho, procuramos orientar reflexões deste ensaio a partir da seguinte pergunta: **Uma vez que as RT são complexas, como os interesses e a intimidade estão imbricados nesta negociação entre sujeitos?**

No que tange ao objetivo central deste ensaio teórico, definimos como: **discutir como os interesses orientam a negociação da intimidade entre sujeitos nas RT**. Acreditamos que este trabalho abre espaços nos estudos das transformações das RT, especialmente na Administração e Sociologia quando se aproxima da Sociologia Econômica e os Estudos Organizacionais ao discutir a temas que são negligenciados no *mainstream* (Bandelj, 2012; Bandelj et al., 2015; Child, 2021; Gibson, 2018; Laurenceau et al., 2004; Swedberg, 2005a; Zelizer, 2000, 2012). As RT são dinâmicas, desta forma olhar para intimidade e interesses favorece a compreensão deste dinamismo inerente ao trabalho relacional (Bandelj, 2012; Bandelj et al., 2015). Auxiliar na compreensão das RT lançando luz com outros campos teóricos ajuda a reconhecer a complexidade das RT e o quanto este campo têm mudado (Gibson, 2018). A administração pode se beneficiar destas reflexões sobre intimidade e interesses para pesquisas em Recursos Humanos, bem como nos Estudos Organizacionais (Mossholder & Richardson,

2011). Neste ensaio fornecemos discussões acerca de estudos a respeito de intimidade, interesses e RT, o que abre espaço para pesquisas futuras que busquem interseção entre economia/intimidade/interesses na SE.

Ademais, a construção das ideias deste ensaio foi feita da seguinte forma. Além desta introdução em que procuramos destacar os argumentos centrais e o objetivo deste ensaio, desenvolvemos os seguintes tópicos os quais abordam: (a) relações sociais complexas, (b) RT como relações sociais complexas; (c) Intimidade na SE e nas RT; (d) Interesses na SE e nas RT; (e) por fim nas reflexões finais deste ensaio demonstramos um *framework* de fundamentos teóricos, categorias, dimensões e propriedades, além de uma figura/esquema que se trata de uma abstração conceitual visual para pesquisas futuras. Por certo, reconhecemos a importância das visões clássicas destes temas, contudo, procuramos dar destaque nas interpretações que pesquisas recentes estão considerando o papel da intimidade e interesses nas RT, o que permite uma possível agenda de pesquisa.

2. BASES TEÓRICAS

Relações Sociais Complexas

A linha de reflexão sobre Relações sociais complexas, advém de contrapontos à perspectiva econômica clássica que trata as relações sociais (de troca) unicamente com ganhos próprios a partir da racionalidade do sujeito (Rossman, 2014). No entanto, é comum na SE a crítica sobre esta perspectiva, reconhecendo as Relações Sociais como compostas por elementos: culturais, institucionais, identitários, linguísticos, morais, étnicos, psicológicos, dentre outros (García, 2014; Rossman, 2014; Sluss & Ashforth, 2007; Stoltz & Pitluck, 2021; Swedberg, 2005c, 1997, 2005d, 2009).

As relações sociais complexas também são produto de sociedades complexas (Velho, 1994). Velho (1994) tratou de questões sobre indivíduo e sociedade a partir daquilo que chamou de Metamorfose, explicando que, desde meados dos anos 80, a sociedade passa a ter relações complexas em diferentes níveis, originada, também, num plano da comunicação simbólica. Complementa que “nas sociedades complexas moderno-contemporâneas, existe uma tendência de constituição de identidades a partir de um jogo intenso e dinâmico de papéis sociais, que se associam a experiências e a níveis de realidade diversificados” (Velho, 1994, p. 8).

A reflexão de Velho (1994) vem em conformidade com posições históricas acerca das mudanças sociais que ocorreram, após uma sucessão de acontecimentos mundiais (ver Hobsbawm, 1995). Para este ensaio procuramos nos centrar na perspectiva das relações sociais complexas a partir do campo Organizacional e da SE. A SE procura relacionar tanto a Economia quanto a Sociologia para explicar fenômenos sociais (Swedberg, 2009). A SE reconhece que todos os fenômenos econômicos são, por natureza, fenômenos sociais, portanto explicados por este campo. De um lado, a SE não deixa de reconhecer a noção utilitária da racionalidade do sujeito para maximização de resultados próprios, convergida numa ação econômica (Granovetter, 1985.). Contudo, de outro lado, também reconhece que estas ações deixam ser apenas econômicas, quando possuem, uma intenção social, convergindo, desta forma, numa ação social. Estas ações sociais, são objetivos de sujeitos que buscam, além do fator econômico, dimensões como, sociabilidade, reconhecimento, status, poder (Swedberg, 1997, 2005a, 2005b, 2005c, 2009).

É nas relações sociais complexas que a intimidade e os interesses aparecem como elementos sociais presentes (Swedberg, 2005a; Zelizer, 2000). A partir da noção de ação, em Weber – que se refere a um tipo de comportamento do sujeito orientado para outro -, que os interesses passam a representar, não apenas um desejo utilitarista auto orientado economicamente, mas também envolve em emoções na subjetividade do sujeito. Da mesma

forma, a intimidade está presente em uma relação de diferentes formas, a partir da confiança e motivações estabelecida pelos sujeitos. Embora as relações sociais sejam constituídas por intimidade e interesses, elementos contratuais – explicados por áreas como a Nova Economia Institucional (ver - Baumol, 1986) - ainda são dimensões presentes em estudos entre relações sociais (Williamson, 1981, 1991), da mesma forma, que estão presentes nas RT (Rosenfield, 2014).

Os contratos, em relações sociais, são tidos como mecanismos que evitam comportamentos oportunistas (Barzel, 1985). As relações contratuais, todavia, reconhecem como pressupostos, que os sujeitos agem em benefício próprio e que buscam, em sua grande maioria, meios para maximizar seus resultados (Martino, 2010). Embora esta perspectiva de relação esteja na Nova Economia Institucional e na Economia dos Custos de Transação, e já convoquem à discussão questões como a confiança na transação, estas perspectivas não deixam de limitar a relação social em transações econômicas e relações contratuais (Swedberg, 1997, 2009). Portanto, esta noção ainda não considera as relações sociais como complexas na esteira da ação social. Da mesma forma, as RT discutidas, meramente, a partir de formas contratuais do Direito é deixar de reconhecer as RT como relações sociais complexas (Rosenfield, 2014).

Relações De Trabalho Como Relações Sociais Complexas

Relações de trabalho (RT) são diferentes entre sujeitos e organizações (Gibson, 2018). Elas surgem de acordo com as atribuições dos padrões de trabalho e das interações nesta dinâmica, sendo também, mutáveis ao longo do tempo. Em certo sentido, estas mudanças também advêm pela forma que a estrutura organizacional muda (Gibson, 2018). As RT se diferem de outras relações sociais (amizades, por exemplo), uma vez que estão moldadas na organização, por meio de padrões hierárquicos de funcionamento, estes padrões hierárquicos são tratados na literatura como necessários para as rotinas organizacionais nas buscas de seus objetivos (Ahuja et al., 2012; Ashforth et al., 2000; Bandelj, 2012; Bradbury & Lichtenstein, 2000; Gibson, 2018; Gittell & Douglass, 2012; Heaphy & Dutton, 2008).

Esta compreensão de RT formatadas por padrões hierárquicos com objetivos claros, são o cerne de discussões burocráticas das RT (Ashforth et al., 2000; Gittell & Douglass, 2012). A visão dessa perspectiva se concentra no debate de relações recíprocas das RT que estão imersas em estruturas onde os papéis são definidos a partir de três pontos: (a) relações de coprodução; (b) relações de coordenação; (c) relações de liderança. As relações de coprodução dizem respeito à noção de coprodução relacional entre trabalhadores, clientes e gestores no trabalho, cada um com seus próprios papéis e fundamentos. As relações de coordenação mostram como as estruturas dão um sentido de acolhimento para as relações de coprodução entre trabalhadores, clientes e gestores na perspectiva burocrática. As relações de liderança exigem que trabalhadores e gerentes desenvolvam objetivos e conhecimentos compartilhados de respeito mútuo promovendo uma melhor forma de relação (Gittell & Douglass, 2012). Acreditamos que um ponto limite ao que comentamos sobre Relações Complexas são esses fatores burocráticos, por vezes apenas traduzidos em papéis econômicos e contratuais das RT (Bandelj, 2012; Bandelj et al., 2015; Baxter & Bullis, 1986; Berscheid & Ammazalorso, 2007; Brewer & Gardner, 1996; Dutton, 2003; Gersick et al., 2000; Heaphy & Dutton, 2008; Laurenceau et al., 2004; Manne et al., 2004; Methot et al., 2017; Reis et al., 2017).

No Brasil, Fleury (1987, 1996), já apontava entre os anos 80 e 90 a complexidade das RT. De acordo com a autora as RT: “nascem das relações sociais de produção, constituindo forma particular de integração entre agentes sociais que ocupam posições opostas e complementares no processo produtivo”(Fleury, 1987, p. 6). Embora, a autora esteja contextualizando historicamente as RT, a abordagem retratada permanece com preocupações

acerca de mudanças estruturais de produção, mudanças tecnológicas e rupturas inovativas para a Gestão, a Administração e a Gestão de Recursos Humanos.

Em contraponto a noção produtiva das RT, autores como (Faria & Meneghetti, 2011; Misoczky & Goulart, 2011.), apontam para as dinâmicas nocivas com trabalhadores nas relações materialistas do trabalho, demonstrando o papel ideológico da gestão na apropriação de mais valia por meio de suas práticas na economia capitalista, fortalecida pelo neo-liberalismo, após anos 80. A crítica materialista das RT e a morfologia do trabalho são discutidos a partir do paradigma Humanista Radical (Faria & Meneghetti, 2011). Essa visão das relações sociais e RT como relações materialista, são criticadas pela SE. De acordo com Swedberg (1997, 2009), o Marxismo tem sido pouco empregado pela SE para explicar relações sociais. A crítica presente na SE sobre a perspectiva marxista, aparece no ponto de partida dos trabalhos de Marx. Marx reconhece o trabalho como uma condição necessária para a existência da humanidade, independente das formas da Sociedade, assim, deixa de considerar que os interesses são universais e que o trabalho existe numa condição social e não individual (Swedberg, 1997, 2009).

É por meio dessa noção de relações sociais (e de trabalho) que a SE integra elementos simbólicos em sua análise. Mais ainda, quando contextualizamos a noção de intimidade e interesses nas RT, conseguimos compreender a dinamicidade complexa presente nas ações e motivações entre dois ou mais sujeitos no campo social. Zelizer (2000), já apontava a complexidade presente nas RT, ao destacar a interseção de interesses simbólicos e materiais nas relações. Relações, estas que não podem ser tratadas pela tautologia do viés econômico, burocrático e contratual.

3. REFLEXÕES E DISCUSSÕES

Negociação Da Intimidade Na Sociologia Econômica E Nas Relações De Trabalho

Conforme procuramos elucidar até aqui, as RT contêm um potencial de interação independente do desejo de interação entre os sujeitos, isto é, sujeitos estão necessariamente interconectados em um sistema econômico e social nas RT (Gibson, 2018). A intimidade é um elemento que explica a complexidade do envolvimento de sujeitos nas RT. Portanto, se refere como um senso pessoal, subjetivo de conexão (Laurenceau et al., 2004, p. 62). A intimidade é subjetiva porque se trata de algo diferente e particular de julgamento nas relações entre sujeitos, além de ser também um senso pessoal, do qual tece uma trama diversa em cada relação.

Reis (2006) desenvolveu um modelo de intimidade integrando múltiplas perspectivas, descrevendo a intimidade como um produto de um processo interpessoal, por vezes, também, transcultural do qual possui como elemento chave a responsabilidade e confiança. (Reis, 2006) ainda argumenta que o processo pelo qual percorre a intimidade é um processo dinâmico formatado pela confiança de informações pessoais através de sentimentos de cada sujeito. Este trabalho aborda a confiança como um elemento importante para a relação íntima. Neste estudo, Reis (2006) se apropria de fundamentos já iniciados por (Tidwell et al., 1996).

Tidwell et al. (1996) estudaram a intimidade a partir de duas categorias numa relação: a autorrevelação e a responsabilidade do sujeito. A autorrevelação refere-se à comunicação verbal de uma informação pessoal (particular) relevante, transmitida para outro sujeito. Já a responsabilidade do sujeito é a outra chave para esta interpretação da dinâmica da intimidade, isto é, trata-se de uma noção sobre o comportamento do sujeito que detém esta informação advinda da autorrevelação. Sendo sintetizada de forma prática sobre a maneira pela qual um sujeito receptor tratará a informação recebida. A partir disto, alguns elementos foram definidos por Tidwell et al. (1996), na compreensão do sujeito que: (a) compreensão clara da informação;

e, (b) compreensão dos sentimentos do sujeito emissor. Portanto, a responsabilidade do sujeito está conectada na intimidade como percepção e compreensão da autorrevelação.

Zelizer (2000) afirma que diariamente sujeitos realizam trocas econômicas que são influenciadas pelo nível da intimidade e pelo afeto com a outra pessoa. De acordo com este pressuposto central, Zelizer (2000), identificou três abordagens sob diferentes perspectivas para compreender a relação entre intimidade e economia. (a) Mundos Hostis; (b) nada além troca racional; (c) vidas conectadas.

Mundos hostis faz referência no trabalho de Zelizer (2000) à conexão entre intimidade e economia com base em elementos incompatíveis e incomensuráveis, isto é, já se trata no senso comum, que certas questões íntimas não devem ser imbricadas em um contexto econômico. Alguns exemplos são elucidados, ao exemplificar a existência da necessidade do estabelecimento de limites morais para as relações econômicas, embora algumas delas apareçam como uma fonte adversa no senso comum, como perceber casamentos como contratos, sendo uma fonte de garantia de seu funcionamento e possível garantias à propriedade. Zelizer (2000) também reitera esta compreensão dando nome de “mercados nocivos”, dos quais são aqueles compostos por atores economicamente vulneráveis, como o trabalho infantil. Zelizer (2000), nesse sentido, discute a moralidade dos mercados, sob o pressuposto que em certas relações interpessoais sofrem com a interrelação de economia e intimidade.

A segunda abordagem, “nada além de troca racional” (ou apenas “nada além”), Zelizer (2000) considera elementos racionais da intimidade para a noção econômica, isto é, presume-se que toda relação íntima estaria conectada de uma forma racional, sendo facilmente explicada pela relação de mercados. Isto significaria, portanto, ter uma visão racional sobre a relação econômica, observando interesses e construindo laços ou trocas numa posição de investimento, totalmente racionalizada pela dicotomia custo x benefício, maximização de resultados e minimização de custos. Em exemplo, estão a intenção/motivação de ter filhos como um processo racional de investimentos futuros.

A terceira abordagem proposta por Zelizer (2000) “Vidas conectadas”, é o cerce de sua teoria, ao mesmo tempo que critica as duas primeiras abordagens. Nesta terceira via, Zelizer (2000), coloca em evidência a relação entre economia e intimidade de forma mais realista. Uma existe em relação à outra, uma vez que reconhece que as pessoas transitam sempre na intersecção de intimidade e economia, encontrando o que desejam à medida que colocam em balanceamento adequado ao sujeito, as relações íntimas e transações econômicas para o propósito em questão. Desta forma, Zelizer está assumindo a negociação como um elemento presumível das relações.

De acordo com Zelizer (2000) uma negociação é ação cotidiana e rotineira. Ela pode ser mais ou menos complexa ao depender do que está sendo negociado e sob quais condições também o está. Zelizer (2000) não deixa de reconhecer que ao depender da imersão (Granovetter, 1985) íntima na negociação e sob quais motivações e objetivos estão sendo colocados na relação de trocas, há uma desigualdade de forças características entre estas negociações. Isto é, a relação entre necessidades, interesses, preocupações e ação se tornam balizadores de forças na negociação (Swedberg, 2005a). Neste ponto, elucidamos que a negociação se conecta com os interesses em uma relação social, ao mesmo tempo que Zelizer (2000) menciona que em todos os relacionamentos sociais, ao menos uma pessoa tem confiança ao passo, que igualmente, ao menos uma pessoa tem acesso a informações.

Nas RT, trabalhos como de Asia (2022) apontaram mulheres muçulmanas trabalhadoras na região rural da Índia, vivenciam complexos desafios, entre lutas e negociações. O papel que suas emoções desempenham em suas decisões relaciona-se com o ato de empreendedor. Outro exemplo do papel da intimidade negociada nas RT está no desenvolvimento de uma pesquisa realizada por Chan e Fernández-Ossandón (2022) na qual investigaram como as RT entre empregadoras chilenas e trabalhadoras domésticas. Em seu

estudo, fica evidenciado que as RT entre esses sujeitos se desdobram num sentido afetivo e econômico, na medida em que a contratação por empregadas domésticas Chilenas e imigrantes Filipenses, se dá no cerne do calculado de interesses nas relações sociais compostas de gênero, poder e controle. O cuidado do lar (*care*) aparece como um elemento afetivo negociado na RT, contudo, também econômico nas explicitações sobre o dinheiro, e neste caso, fica clara a relação materializada e racionalizada entre os sujeitos. Estes achados, se confirmam no mesmo contexto de investigação com outras pesquisas que trataram de empregadas domésticas e imigrante (Chanamuto, 2022; Hwang, 2022; Kim, 2019). O constructo cuidado e confiança são presentes nas RT evidenciadas nessas pesquisas. Zelizer (2000) afirma que as relações de intimidade guiam a construção de confiança mútua. Embora as relações de intimidade pressuponham a confiança, Zelizer (2000) também postula que a confiança costuma ser assimétrica. De acordo com a autora, numa escala de confiança quando positiva, a confiança possibilita o compartilhamento de conhecimentos e atenção. De outro lado, quando negativa, a confiança pode prejudicar a situação pelo qual foi estabelecida na relação.

Interesses Na Sociologia E Econômica E Nas Relações De Trabalho

Os interesses estão tratados nas relações sociais por meio de diferentes formas e significados. Swedberg (2005a) investigou os interesses por meio da discussão econômica, bem como da discussão sociológica. Swedberg (2005a) desenvolveu um panorama histórico sobre a compreensão de interesses a partir de padrões de comportamento, e seus tipos. Por interesses, o autor, menciona que o conceito se desdobra em diferentes significados dado ao contexto pelo qual se observa. No entanto, é reconhecido que os interesses são determinantes do comportamento das pessoas e de grupos. Neste sentido, apresentando qualificadores positivos, ou negativos, para ação. Dado este contexto diverso, diferentes perspectivas podem ser elucidadas nas ciências sociais sobre os sentidos dos interesses.

Na perspectiva clássica o conceito de interesse foi considerado como uma força motriz importante da sociedade. Exponentes do pensamento e da Teoria Econômica e Sociológica como Marx, Weber e Georg Simmel, acordaram neste ponto do comportamento humano. Weber, todavia, introduziu conceitos distintos de interesses na ideia de tipos de classe, bem como na ação coletiva. Durkheim, por sua vez considerou os interesses como mais importantes quando observados por meio da linguagem geral versus individual. Em suma, na visão clássica o interesse era um conjunto de fundamentos para lançar luz explicativa sobre a sociologia moderna. Ainda na perspectiva clássica, Parsons embora tratasse das estruturas da ação social, deixou de considerar o interesse em sua análise.

A partir da Segunda Guerra Mundial, os interesses aparecem, não unicamente no plano econômico ou simbólico, de forma fragmentada, mas agora de forma complexa no campo social. São nesses argumentos que Swedberg (2005a), apresenta três posições importantes do campo dos estudos sobre os interesses: (a) interesses como força para vida social; (b) interesses como guia para a vida social; (c) interesses com pouca importância na via social.

Em sua primeira abordagem, o interesse é visto como a principal causa na vida social, Teóricos como, Ratzenhofer, Simmel e Coleman fazem parte desta primeira abordagem. Nesta abordagem, os interesses são tratados como uma força básica que explica a vida e do qual também pode ser encontrada entre os seres humanos, sob aquilo que impulsiona o comportamento humano. Os interesses sociais são definidos como interesses relacionados ao bem-estar do grupo. Categorias que compreendam esta primeira abordagem são contextualizadas nos trabalhos de Philippe Schmitter, De acordo com Swedberg (2005a), Schmitter considera que é um processo natural do ser humano ter diferentes necessidades entre si, ao mesmo passo que estas necessidades se desenvolvem como um funil para uma visão mais restrita sobre interesses, que se transforma em preocupações em consegui-los, convergindo, ao

final, em ações. Essas categorias, acreditamos que se trata de um ponto importante retratado por Swedberg (2005a), à medida que outros trabalhos têm tratado contextos de interesses próprios (*self interest*) em RT (Child, 2021). Barbalet (2012), por exemplo, estudou o papel dos interesses próprios ainda quando motivados unicamente por relações desiguais econômicas, ou sociais. A noção de ação, apresentada por Barbalet (2012) se diversifica à medida que os interesses próprios são divergentes dos interesses do outro (*other-interest*).

No que tange a segunda abordagem Swedberg (2005a), explica a aproximação da noção de interesses do campo simbólico na medida em que esses interesses são uma força importante na vida social, mas também reconhecem que cada interesse tem seu papel. Nesta perspectiva os interesses são tomados como estratégias diferentes entre os sujeitos. Portanto, os interesses deixam apenas de ser uma força originada de necessidades, preocupações e ação, para se tornar um guia à medida que os sujeitos identifiquem possíveis fundamentos calculativos sobre estas categorias. Tanto Pierre Bourdieu, quanto Weber lidam com o conceito de interesse do qual pode ser descrito e sustentado pelas ações sociais. Contudo, sem mencionar claramente como interesses, Bourdieu, em três de seus conceitos centrais: *habitus*, campo e capital, apresenta em segundo plano, os interesses. Para Bourdieu, interesses são como apostas, pelo qual se participa ao admitir que o jogo vale a pena e que as apostas criadas de fato valem a pena (Swedberg, 2003). Como um guia, portanto, os interesses podem ser calculados ou não calculados (ver quadro 01), a isto, servem como dimensões e propriedades de categorias que dão força para a ação social da vida (Swedberg, 2005a).

Na última perspectiva teórica a maior parte de fundamentos sobre os interesses são tratados como uma crítica a noção sociológica de interesses. A esta noção Swedberg (2005a), menciona que a visão econômica tem a tendência de reduzir os interesses a exclusividade de interesses de ganhos econômicos. Parsons, por exemplo, considera apenas os elementos para ação social daqueles provenientes de um universo natural do sujeito. Institucionalistas como Meyer também consideram que os interesses individuais não são úteis nas análises de ciências sociais à medida que obstruem elementos estruturais da ação das organizações. A esta terceira, perspectiva, Swedberg (2005a), a conceitua como interesses que possuem pouca importância na vida social.

Nas RT, Child (2021) identifica que em contextos amplamente comerciais (vendas, por exemplo), há um estilo particular de trabalho. Sujeitos se dizem desinteressados exatamente, para desencorajar ações economicamente orientadas nas negociações. Em contrapartida, no momento que se dizem desinteressados, seus interesses econômicos são objetivamente aparentes, a fim de preservar ou encorajar bons sentimentos sobre uma relação que lhes seja significativa.

Diálogos E Interseções SE (Intimidades E Interesses) E RT

A partir da leitura revisada para este ensaio foi possível obter um quadro conceitual (quadro 01) de interesses e intimidade, destacando fundamentos teóricos, categorias, dimensões e propriedades. Nos interesses, os fundamentos teóricos são sistematizados em (Swedberg, 2003, 2005a), referindo-se a: (a) interesses que são uma força para a vida social; (b) interesses que são a força e um guia para a vida social; (c) interesses que possuem pouca importância na vida social. As categorias encontradas que orientam a compreensão de interesses são necessidades, interesses, preocupação e ação. Enquanto as dimensões e propriedades que orientam os sujeitos nas ações e em seus interesses são tidas como calculadas ou não calculadas. Já na intimidade, as postulações teóricas estão em (Bandelj, 2012; Bandelj et al., 2015; Hou, 2008; Zelizer, 2000; 2012), uma vez que desenvolvidas como: Mundos Hostis, Nada além e Vidas conectadas. Já as categorias provenientes de trabalhos como (Gibson, 2018; Laurenceau

et al., 2004) são contextualizadas inseridas na compreensão de intimidade são: autorrevelação e responsabilidade do sujeito. Uma vez que as categorias são operacionalizadas, suas dimensões e propriedades são destacadas por (Zelizer, 2000, 2012) nas formas de confiança ne negociação, e esta confiança, na relação poderá ser positiva ou negativa.

Quadro 01: Fundamentos Teóricos, Categorias, Dimensões e Propriedades dos interesses e intimidade

	Interesses				Intimidade		
	Fundamentos Teóricos	Categorias	Dimensões e propriedades		Fundamentos Teóricos	Categorias	Dimensões e propriedades
	Interesses como força para vida social	Necessidades	Calculados / Não Calculados		Mundos Hostis	Autorrevelação	(+) Confiança / (-) Confiança
	Interesses como força e guia para vida social	Interesses	Calculados / Não Calculados		Nada Além	Responsabilidade do Sujeito	(+) Confiança / (-) Confiança
	Interesses possuem pouca importância na vida social	Preocupação	Calculados / Não Calculados		Vidas Conectadas		
		Ação	Calculados / Não Calculados				

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de (Bandelj, 2012; Bandelj et al., 2015; Gibson, 2018; Laurenceau et al., 2004; Reis et al., 2017; Swedberg, 2003, 2005d, 2005a, 2005b, 2005c; Zelizer, 2000, 2012)

A partir dos dois campos teóricos – interesses e intimidade- e assumindo as RT de trabalho como relações complexas. Foi possível desenvolver um diagrama conceitual que represente o papel dos interesses e intimidade na negociação das RT complexas (Figura 01). Inicialmente destacamos que a balança (polos horizontais da figura) como representação da ideia de negociação. Para nós a balança representa melhor demonstração desta compreensão uma vez que presume dois (ou mais) polos conectados entre forças que pendem para um lado ou outro. Zelizer (2000) não deixou de considerar que condições econômicas favorecem um lado que a obtiver com mais facilidade.

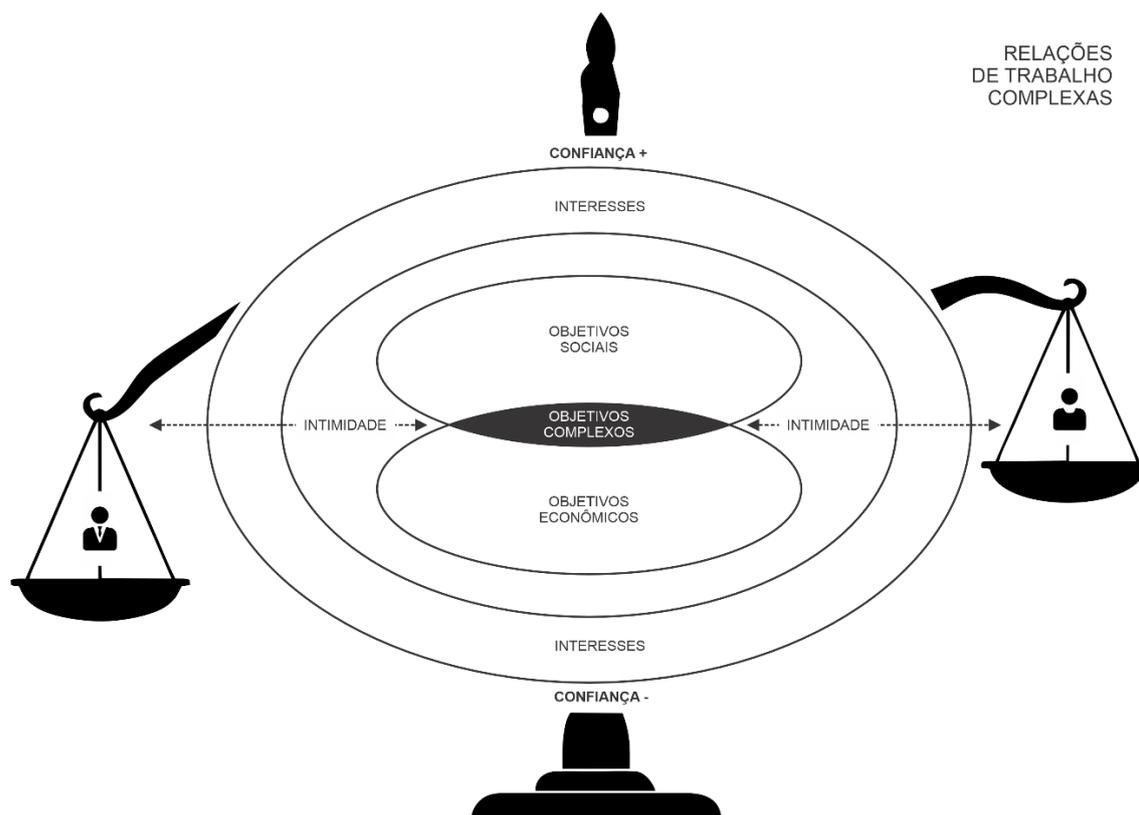


Figura 01: Diagrama abstrato conceitual das RT a partir de interesses e intimidade
 Fonte: Elaborados pelos autores.

Nas RT, ao examinar o papel da religião e convenções culturais entre sujeitos, Stoltz e Pitluck (2021) demonstram que as pessoas identificam e atribuem relacionamentos com outros, à medida que é possível imbuir uma transação econômica. A negociação nesta questão aparece constituída a partir de forças desiguais que retratam uma construção mais simbólica e cerimonial do que econômica para uma parte dos sujeitos. RT com imigrantes também retrataram a posição desigual da balança da negociação no mercado de varejo (Spitzer, 2022). Nestas investigações, imigrantes estão sujeitos a uma miríade de formas de vigilância que operam em conjunto para informar parâmetros de venda de cerveja como uma indústria íntima. Esta indústria de vendas de cervejas utiliza-se do corpo de seus trabalhadores e trabalhadoras como estratégias comercial, somando-as em relações íntimas de trabalho.

A figura também sintetiza os argumentos de Zelizer (2000) e Swedberg (2003, 2005a, 2005b, 2005c). Do lado de Zelizer (2000), a confiança (polos verticais da figura) é um balizador sobre a imersão das relações de intimidade, isto é, há uma tendência de se caminhar para posições de objetivos mais sociais do que econômicos quando a confiança é maior. Estes elementos são destacados pela autora especialmente no mercado de cuidado profissional. De acordo com Zelizer (2000), o cuidado profissional (*care*) é um empreendimento complicado para quem dá e recebe o cuidado. Em muitas vezes existe simultaneamente com (e não na ausência de) o cuidado continuado dos membros da família. A contratação de cuidado de fora da família não necessariamente interfere na formação familiar, nem resulta em uma transação econômica diminuída. As RT nestes mercados resumem-se de uma formação objetiva a partir de confiança entre os participantes do que no universo econômico. Liu (2023) retratou em seu trabalho o papel da intimidade entre a promoção de apoio à velhice por parte de crianças para pessoas mais velhas. Questões de ordem moral e social se demonstram como uma força muito maior do que objetivos econômicos privados.

Na perspectiva de Swedberg (2003) as dimensões dos interesses (primeira dimensão circular) em RT combinadas à visão dos elementos íntimos (segunda dimensão circular), revelam que necessidades, interesses, preocupação e ação estão presentes em relações de mercados íntimos como, por exemplo os sexuais. Zelizer (2000), afirma que áreas da vida social, como trocas financeiras entre parceiros sexuais, - que muitas vezes são percebidas como moralmente inadequadas -, são iniciadas por diferentes tipos de necessidades (afetiva, econômica etc.), mas que de acordo com a frequência e imersão da relação passa a se constituir de outros objetivos íntimos (ou não) resignificando a relação, bem como suas motivações inicialmente traçadas (para isto chamamos de objetivos complexos na Figura 01). A autora mostra como outras áreas que aparentemente nada mais são do que as maquinações dos mercados são, de fato, também imbuídas, restringidas e possibilitadas pela existência da interseção entre intimidade e economia (Bandelj, 2012; Bandelj et al., 2015). Garza (2022) demonstrou a intersecção existente entre economia e intimidade por meio de uma exploração das trocas de presentes entre profissionais do sexo e clientes. Em certo sentido as motivações são claras ente os sujeitos, aparentemente os padrões materiais econômicos e sociais são estabelecidos como objetivos dos sujeitos, no entanto, o processo de presentear resignifica as motivações iniciais para outros tipos de objetivos, como carinho, cuidado etc.

Desta forma, na Figura 01, destacamos elementos como objetivos econômicos, sociais e complexos que evidenciam o processo divergente entre os interesses e as relações íntimas dadas as condições que são formados e as condições que são continuados. Portanto, RT são tidas como relações complexas e elementos econômicos e contratuais passam a não representar um background explicativo suficiente para responder a seguinte pergunta: o que motivaria um trabalhador ou trabalhadora continuar em uma organização com condições financeiras de trabalho inferiores do que uma outra possivelmente proposta? Neste sentido, procuramos, ainda enfatizar que a complexidade das RT pode ter tantos objetivos econômicos, sociais e complexos à medida que outras questões sociais (moralidade, desigualdade, pobreza, imigração, etc.) resignifiquem as relações postas. Neste caso, a construção social da realidade ainda é uma ontologia explicativa para entender como eram, como são e dar direções para onde vão as RT complexas (ver trabalho sobre RT e intimidade pós-covid-19 (Ross, 2021).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ensaio teórico procuramos refletir sobre a seguinte questão inicial: uma vez que as RT são complexas, como os interesses e a intimidade estão imbricados nesta negociação entre sujeitos? Para tanto, nossas motivações iniciais foram no sentido de promover uma discussão mais específica sobre um tema fora do universo do *management* da Administração, que são interesses e intimidade. Como aporte teórico procuramos dialogar mais próximo à vertente da Sociologia Econômica, especificamente no lado simbólico da ação social. Ao passo que procuramos demonstrar que relações de trabalho são relações de trabalho complexas, e reconhecer que considerar apenas o sentido contratual e econômico, representa uma visão superficial do universo dinâmico das relações de trabalho. Este foi ponto inicial da primeira discussão.

Ademais, ao introduzirmos o caminho para nossa reflexão, autores como Viviana Zelizer e Richard Swedberg foram utilizados como principais suportes para construção do modelo proposto. Do lado da intimidade, elementos como negociação se mostraram como uma balança entre dois sujeitos que possuem forças divergentes dadas a seu contexto de negociação. É evidente que em relações hierárquicas verticais de trabalho, não podemos deixar de reconhecer que motivações financeiras são tomadas como forças que desequilibram a balança, contudo nosso ponto também resgata que trabalhadores e trabalhadoras em relações íntimas, negociam outros objetivos, como sociais. As motivações para as relações de trabalho complexas

são divergentes. Os interesses se mostraram como importante elemento para explicar estas motivações.

Durante as reflexões deste ensaio, e a partir da literatura revisada chegamos a um quadro síntese que representa os fundamentos teóricos, categorias, dimensões e propriedades tanto da intimidade, quanto dos interesses. Foi possível ainda construir um framework teórico na forma de figura abstrata/diagrama que retrata as relações de trabalho complexa a partir das lentes teóricas da intimidade e interesses. Acreditamos que pesquisas futuras possam empregar o uso destas construções e reflexões (especialmente no Brasil) para dar ênfase nas relações de trabalho como relações de trabalho complexas, reconhecendo ainda o momento atual sob condições de avanço da chamada indústria 4.0, ideologias da moderna gestão de pessoas na precarização e flexibilização do trabalho, trabalho pós pandemia, financeirização e trabalho em plataformas.

REFERÊNCIAS

- Ahuja, G., Soda, G., & Zaheer, a. (2012). Introduction to the Special Issue: The Genesis and Dynamics of Organizational Networks. *Organization Science*, 23(2), 434–448. <http://orgsci.journal.informs.org/cgi/doi/10.1287/orsc.1110.0695>
- Ashforth, B. E., Kreiner, G. E., & Fugate, M. (2000). All in a day's work: Boundaries and micro role transitions. *Academy of Management Review*, 25(3), 472–491. <https://doi.org/10.5465/AMR.2000.3363315>
- Asia, S. (2022). Emotions, identity and the entrepreneurial self: narratives of working Muslim women in rural India. *Contemporary South Asia*, 30(1), 101–111. <https://doi.org/10.1080/09584935.2021.2021857>
- Aspers, P., & Beckert, J. (2011). *The Worth of Goods: Valuation and pricing in the economy*. Oxford University Press.
- Bandelj, N. (2012). Relational work and economic sociology. *Politics and Society*, 40(2), 175–201. <https://doi.org/10.1177/0032329212441597>
- Bandelj, N., Morgan, P. J., & Sowers, E. (2015). Hostile worlds or connected lives? Research on the interplay between intimacy and economy. *Sociology Compass*, 9(2), 115–127. <https://doi.org/10.1111/soc4.12242>
- Barbalet, J. (2012). Self-interest and the theory of action. *British Journal of Sociology*, 63(3), 412–429. <https://doi.org/10.1111/j.1468-4446.2012.01417.x>
- Barzel, Y. (1985). Transaction Costs: Are They Just Costs? *Journal of Institutional and Theoretical Economics*, (H. 1), 4-16.
- Baumol, W. J. (1986). Williamson's The Economic Institutions of Capitalism. In *Journal of Economics* (Vol. 17, Issue 2).
- Baxter, L. A., & Bullis, C. (1986). Turning Points in Developing Romantic Relationships. *Human Communication Research*, 12(4), 469–493. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2958.1986.tb00088.x>

- Beckert, J. (2009). The social order of markets. *Theory and Society*, 38(3), 245–269. <https://doi.org/10.1007/s11186-008-9082-0>
- Berscheid, E., & Ammazalorso, H. (2007). Emotional Experience in Close Relationships. *Blackwell Handbook of Social Psychology: Interpersonal Processes*, 308–330. <https://doi.org/10.1002/9780470998557.ch12>
- Bradbury, H., & Lichtenstein, B. M. B. (2000). Relationality in Organizational Research: Exploring the Space Between. *Organization Science*, 11(5), 551–564. <https://doi.org/10.1287/orsc.11.5.551.15203>
- Brewer, M. B., & Gardner, W. (1996). Who Is This “We”? Levels of Collective Identity and Self Representations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(1), 83–93. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.71.1.83>
- Chan, C., & Fernández-Ossandón, R. (2022). ‘Compañerismo’: Care and Power in Affective Labor Relations. *Critical Sociology*, 2017. <https://doi.org/10.1177/08969205221100268>
- Chanamoto, N. J. C. (2022). Understanding the Hidden Emotional Labour of Migrant Women Doing Domestic Cleaning Work in England. *Emotions: History, Culture, Society*, 6(2), 314–333. <https://doi.org/10.1163/2208522X-02010170>
- Child, C. (2021). How to Sell a Friend: Disinterest as Relational Work in Direct Sales. *Sociological Science*, 8, 1–25. <https://doi.org/10.15195/v8.a1>
- Dutton, J. E. (2003). Breathing life into organizational studies. *Journal of Management Inquiry*, 12(1), 5–19. <https://doi.org/10.1177/1056492602250515>
- Faria, J. H., & Meneghetti, F. K. (2011). Dialética Negativa e a Tradição Epistemológica nos Estudos Organizacionais. *Organizações & Sociedade*, V.18, p. 119-137.
- Fleury, M. T. (1992). Relações de Trabalho e Políticas de Gestão - Uma História das Questões Atuais. *Revista de Administração*, 27(4), 5-15
- Fleury, M. T. L. (1987). Artigo cultura organizacional e relações do trabalho. *Revista Da Administração de Empresas*, 27(4), 7–18.
- Fleury, M. T. L. (1996). O simbólico nas relações do trabalho. In: Flery, M. T. L., & Fischer, R. M. (Eds). *Cultura e poder nas organizações*, São Paulo. Atlas.
- Fourcade, M., & Healy, K. (2007). Moral Views of Market Society. *Source: Annual Review of Sociology*, 33, 285–311. <https://doi.org/10.1146/annurevjoc.33.040406.131642>
- García, A. (2014). Relational Work in Economic Sociology: A Review and Extension. *Sociology Compass*, 8(6), 639–647. <https://doi.org/10.1111/soc4.12181>
- Garza, A. P. G. (2022). The intimacy of the gift in the economy of sex work. *American Anthropologist*, 124(4), 767–777. <https://doi.org/10.1111/aman.13782>
- Gersick, C. J. G., Bartunek, J. M., & Dutton, J. E. (2000). Learning from academia: The importance of relationships in professional life. *Academy of Management Journal*, 43(5), 1026–1044. <https://doi.org/10.5465/1556333>

- Gibson, K. R. (2018). Can I tell you something? How disruptive self-disclosure changes who “we” are. *Academy of Management Review*, 43(4), 570–589.
- Gittell, J. H., & Douglass, A. (2012). Relational bureaucracy: Structuring reciprocal relationships into roles. *Academy of Management Review*, 37(4), 709–733. <https://doi.org/10.5465/amr.2010.0438>
- Granovetter, M. (1985). Economic Action and Social Structure: The Problem of Embeddedness. *American Journal of Sociology*, 91(3), 481–510.
- Heaphy, E. D., & Dutton, J. E. (2008). Positive social interactions and the human body at work: Linking organizations and physiology. *Academy of Management Review*, 33(1), 137–162. <https://doi.org/10.5465/AMR.2008.27749365>
- Hobsbawm, E. (1995). *Era dos extremos: o breve século XX*. Editora Companhia das Letras.
- Hou, X. (2008). The social meaning of money and intimacy: Review of Viviana A. Zelizer, *The Purchase of Intimacy*. *Theory and Society*, 37(3), 311–315. <https://doi.org/10.1007/s11186-008-9060-6>
- Hwang, M. C. (2022). Differentiated intimacies: intimate labor, exchange practices, and gendered migration to Hong Kong. *Gender, Place and Culture*, 0(0), 1–16. <https://doi.org/10.1080/0966369X.2022.2146659>
- Kim, J. S. (2019). Payments and Intimate Ties in Transnationally Brokered Marriages. *Socio-Economic Review*, 17(2), 337–356. <https://doi.org/10.1093/ser/mwx061>
- Laurenceau, J. P., Barrett, L. F., & Pietrononaco, P. R. (2004). Intimacy as an interpersonal process: The importance of self-disclosure, partner disclosure, and perceived partner responsiveness in interpersonal exchanges. *Close Relationships: Key Readings*, 74, 241–257. <https://doi.org/10.4324/9780203311851>
- Liu, J. (2023). Filial piety, love or money? Foundation of old-age support in urban China. *Journal of Aging Studies*, 64(January), 101104. <https://doi.org/10.1016/j.jaging.2023.101104>
- Manne, S., Rini, C., Goldstein, L., Ostroff, J., Fox, K., & Grana, G. (2004). The interpersonal process model of intimacy: The role of self-disclosure, partner disclosure, and partner responsiveness in interactions between breast cancer patients and their partners. *Journal of Family Psychology*, 18(4), 589–599. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.18.4.589>
- Marchetti, S. (2022). Care and Domestic Work. *IMISCOE Research Series*, 13–32. https://doi.org/10.1007/978-3-031-11466-3_2
- Martino, G. (2010). Trust, contracting, and adaptation in agri-food hybrid structures. *International Journal on Food System Dynamics*, 1(4), 305–317
- Methot, J. R., Melwani, S., & Rothman, N. B. (2017). The Space Between Us: A Social-Functional Emotions View of Ambivalent and Indifferent Workplace Relationships. *Journal of Management*, 43(6), 1789–1819. <https://doi.org/10.1177/0149206316685853>
- Misoczky, M. C., & Goulart, S. (2011). Viver as Contradições e Tornar-se Sujeito na Produção Social de nosso Espaço de Práticas. *Organizações & Sociedade*, 18, 535–540.

- Mossholder, K. W., & Richardson, H. A. (2011). Human Resource Systems and Helping in Organizations: A Relational Perspective. *Academy of Management Review*, 36(1), 33–52.
- Reis, H. T. (2006). Implications of attachment theory for research on intimacy. In: Mikulincer, M., & Goodman, G. S. (Eds). *Dynamic of romantic love: Attachment, caregiving, and sex*. Guilford Press.
- Reis, H. T., Collins, W. A., & Berscheid, E. (2017). The Relationship Context of Human Behavior and Development. *Interpersonal Development*, 126(6), 3–31. <https://doi.org/10.4324/9781351153683-1>
- Rosenfield, C. L. (2014). Contratualização das Relações de Trabalho: embaralhando conceitos canônicos da sociologia do trabalho. *Política e trabalho: revista de ciências sociais João Pessoa, PB, 5901*, p. 249–276.
- Ross, F. C. (2021). Covid, cohesion, connection, care: thoughts on Connected Lives. *Anthropology Southern Africa*, 44(1), 41–43. <https://doi.org/10.1080/23323256.2021.1893772>
- Rossmann, G. (2014). Obfuscatory relational work and disreputable exchange. *Sociological Theory*, 32(1), 43–63. <https://doi.org/10.1177/0735275114523418>
- Sluss, D. M., & Ashforth, B. E. (2007). Relational identity and identification: Defining ourselves through work relationships. *Academy of Management Review*, 32(1), 9–32. <https://doi.org/10.5465/AMR.2007.23463672>
- Spitzer, D. L. (2022). Working intimacies: Migrant beer sellers, surveillance, and intimate labor in Cambodia, Laos, and Thailand. *Gender, Work and Organization*, 29(3), 906–921. <https://doi.org/10.1111/gwao.12646>
- Stoltz, D. S., & Pitluck, A. Z. (2021). Resources in Relational Packages: Social Capital as a Byproduct of Relational Work. *Social Currents*, 8(6), 549–565. <https://doi.org/10.1177/23294965211045081>
- Swedberg, R. (2009). *Principles of Economic Sociology*. Princeton University Press.
- Swedberg, R. (1997). New Economic Sociology: What Has Been Accomplished, What Is Ahead? *Acta sociologica*, 40(2), p. 161-182.
- Swedberg, R. (2003). Bourdieu's advocacy of the concept of interest and its role in economic sociology. *Economic Sociology: European Electronic Newsletter*, 4(2), 2–6. <http://hdl.handle.net/10419/155819>
- Swedberg, R. (2005a). Can There Be a Sociological Concept of Interest? *Theory and society*, 34(4), 359–390.
- Swedberg, R. (2005b). Capitalism and ethics: How conflicts-of-interest legislation can be used to handle moral dilemmas in the economy. *International Social Science Journal*, 185, 481–492. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2451.2005.00565.x>
- Swedberg, R. (2005c). *Interests*. McGraw-Hill Education (UK).

- Swedberg, R. (2005d). Conflicts of interests in the U.S. brokerage industry. In: Knorr-Cetina, K., & Preda, A. (Eds.) *The sociology of financial markets*. Oxford University Press on Demand <https://doi.org/10.15195/v8.a1>
- Swedberg, R. (2004). Sociologia econômica: hoje e amanhã. *Tempo Social*, 16, p. 7-34.
- Tidwell, M.-C., Reis, H. T., & Shaver, P. R. (1996). Attachment, attractiveness, and social interaction: a diary study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(4), 729.
- Tomasello, M., & Vaish, A. (2013). Origins of human cooperation and morality. *Annual Review of Psychology*. 64, 231-255 Inc. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-113011-143812>
- Velho, G. (1994). *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Zahar.
- Williamson, O. E. (1981). The Economics of Organization: The Transaction Cost Approach. In *Source: American Journal of Sociology* (Vol. 87, Issue 3). <http://www.jstor.org>URL:<http://www.jstor.org/stable/>
- Williamson, O. E. (1991). Comparative Economic Organization: The Analysis of Discrete Structural Alternatives. In *Source: Administrative Science Quarterly* (Vol. 36, Issue 2).
- Zelizer, V. A. (2000). The purchase of intimacy. *Law & Social Inquiry*, 25(3), 817-848, <https://doi.org/10.1177/009430610703600616>
- Zelizer, V. A. (2012). How I became a relational economic sociologist and what does that mean? *Politics and Society*, 40(2), 145–174. <https://doi.org/10.1177/0032329212441591>